

PROCESSOS DE SOCIABILIDADE DOS GRUPOS DE MANDJUANDADI: DINÂMICAS DE UM ESPAÇO CULTURAL CONSTITUÍDO PELAS MULHERES NA GUINÉ-BISSAU¹

Gesela José Gomes Cá²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo abordar os processos de sociabilidades entre os integrantes de grupos conhecidos na Guiné-Bissau como *Mandjuandadi*, particularmente entre os grupos organizados no contexto do setor autônomo de Bissau – *Mandjuandadi* que desenvolvem atividades festivas através de canções e danças de tradições guineenses assim como compreender suas atividades fora da *Mandjuandadi* que mantêm os membros na sua maioria mulheres ligadas entre si na vida cotidiana. O presente artigo assume a pretensão de mostrar a relevância social da *Mandjuandadi* em congregar e manter o grupo em torno dos ideais e dos sentimentos compartilhadas que levam as integrantes se sentirem dependentes entre si –, constituindo espaço de interação e de solidariedade, enfrentando e superando os desafios do cotidiano. Metodologicamente, este trabalho foi realizado através da pesquisa bibliográfica e da pesquisa do campo, essa última centra-se nas entrevistas semiestruturadas, buscando captar com profundidade as formas de interações entre as mulheres, seus desejos e suas exigências sociais através da cantiga, dança e das conversas informais no ambiente da *Mandjuandadi*.

Palavra-chave: comunidades - desenvolvimento - Guiné-Bissau; Mandjuandadi (povo africano); mulheres no desenvolvimento da comunidade - Guiné-Bissau.

ABSTRACT

The present work aims to approach the processes of sociability between members of groups known in Guinea-Bissau as *mandjuandadi*, particularly between groups organized in the context of the autonomous sector of Bissau - the group that develops festive activities through traditional songs and dances, as well as how to understand their activities outside the ones that keep the mostly female members connected to each other in everyday life. This article intends to show its social relevance in gathering and maintaining the group around shared ideals and feelings that make members feel dependent on each other. Methodologically, this work was carried out through bibliographic research and field research, the latter focusing on semi-structured interviews, seeking to capture in depth the forms of interaction between women, their desires and their social demands through songs, dances and conversations. informal in shared environment.

Keywords: communities - development - Guinea-Bissau; Mandjuandadi (African people); women in community development - Guinea-Bissau.

¹ Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Clarisse Goulart Paradis.

² Graduanda no curso de Licenciatura em Ciências Sociais pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

Mandjuandadi é entendido como grupos de fraternidade de mulheres que desenvolvem atividades festivas no intuito de agir ou reagir a situações adversas da vida familiar e social com base em sentimentos mútuos de solidariedade, expressando tais vínculos de forma particular por via de canções e danças de tradições guineenses, conforme ilustrada na imagem abaixo.

Figura 1 - Roda de mandjuandadi



Acessado em: 05/12/2022 <http://vozdaguine.com/as-cantigas-mandjuandadi>

Aspecto importante desses grupos é o âmbito de sociabilidades entre os seus membros, Baechler (1996) entende a sociabilidade como a “capacidade humana de estabelecer redes, através das quais as unidades de atividades, individuais ou coletivas, fazem circular gostos, paixões, opiniões, etc.” Trata-se de uma troca permanente baseada, sobretudo na comunicação.

A pesquisadora guineense Odete Semedo (2010) explica que *mandjuandadi* surge nos centros urbanos da Guiné-Bissau atrelada à estratificação social imposta pelo sistema colonial português. Autora pondera que os grupos de *mandjuandadi* sempre existiram como associação de pessoas da mesma idade, que se organizam para realizar trabalhos na aldeia, atividades como a preparação do campo agrícola, a colheita e a cobertura de casas, entre outras. Essas

organizações comunitárias acompanharam ao longo dos tempos o desenvolvimento social, econômico e político até mesmo dos locais mais recônditos da atual República da Guiné-Bissau, formado pelos vários grupos étnicos (SEMEDO, 2010, p, 123).

Como se sabe, a Guiné-Bissau situa-se geograficamente na costa ocidental da África compõe um território de 36.125 km² faz fronteira a Norte com Senegal a Sul e Leste com Guiné-Conacri e Oeste é banhado pelo Oceano Atlântico, constituída por uma parte insular com mais de noventa ilhas e outra continental. Um clima predominantemente tropical quente e úmido com duas estações do ano a chuvosa (de mês de maio a outubro) e a da seca (de novembro a abril) a temperatura média anual é de 26,8° (BENZINHO E ROSA, 2015. Pag.16.). Em termos administrativos o país divide-se em oito regiões e um sector autónomo que é a capital (Bissau), as regiões são dadas por setores num total de trinta e seis setores que se subdividem em secções compostas por povoados ou aldeias. A população é de pouco mais de um milhão e meia de habitantes majoritariamente jovem cuja esperança média de vida, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU) é de 52 anos de idade e somente 43,7% da população é alfabetizada (BENZINHO E ROSA, 2015. Pag.16).

Os estudos e pesquisas realizadas pelo Instituto Nacional da Pesquisa (INEP) apontam que existem mais de duas dezenas de grupos étnicos nesse país com suas linguagens, práticas tradicionais e culturais diferentes um dos outros, os grupos étnicos mais numerosos são: *Fula* 28,5% que vivem na Zona Leste de país concretamente nas regiões de *Bafatá* e *Gabú*, os *Balantas* 22,5 estabelecido principalmente nas regiões de *Cátio* e *Oio* na Zona Sul e Norte do território guineense, e outros como: *mandingas*, *Manjakus*, *Mancanhas*, *Pepel*, *Biafada*, *Bijagó* que vivem na parte insular dos arquipélagos dos *Bijagós* etc. (BENZINHO E ROSA, 2015. Pag.17). De acordo com Benzinho Rosa (2015) a língua oficial do país é o português falado por apenas 13% da população, porém existe uma língua nacional que é o crioulo falado por mais de 60% da população, e mais de vinte línguas nativas em função dos muitos grupos étnicos existentes no país. É nesta amálgama étnico cultural que nos pressupomos aprofundar o conhecimento sobre a existência da vida social, a comunicação, a linguagem, o comportamento de pessoas suas experiências acumuladas que entrelaçam e formam grupos de fraternidades e de sociabilidades entre si, podendo enfrentar juntas os desafios do cotidiano e estreitando alianças para empoderamento social, de gênero, entre outros.

O presente trabalho tem como objetivo analisar os processos de sociabilidades entre as integrantes de grupos conhecidos na Guiné-Bissau como *mandjuandadi*, particularmente os processos de sociabilidade entre os grupos organizados no contexto do setor autónomo de Bissau. A partir de entrevistas semiestruturadas realizadas com membros desses grupos, o artigo

busca refletir sobre como nasce a *mandjuandadi*, quais as estruturas de sociabilidade entre as pessoas integrantes e quais as mudanças sentidas ao longo dos últimos anos.

Obtive as respostas das minhas perguntas de entrevista através do aplicativo de WhatsApp, onde eu mando a mensagem de voz e ia os entrevistados me responderam também pelo mesmo, recebi as respostas das perguntas nos dias 31 de dezembro de 2022 e 03 de janeiro de 2023. Durante a minha entrevista de pesquisa tive muitas dificuldades para receber as respostas das pessoas que faziam parte do grupo de *mandjuandadi* principalmente as mulheres, como se sabe o meu artigo fala mais sobre as mulheres e nesse sentido é muito mais importante ter as respostas da pesquisa com as mulheres, mas infelizmente só consegui fazer a entrevista com uma mulher e dois homens, e como também estou longe da Guiné-Bissau e lá o acesso a internet é um pouco difícil e isso me prejudicou um pouco na minha pesquisa, o que eu mais queria era ter as respostas das mulheres porque meu trabalho é todo voltado para elas.

Então eu resolvi dar a continuidade deste trabalho que comecei desde o ano de 2018 quando eu ia me formar em BHU porque um tema que me interessa muito e tem grande importância na minha vida, desde quando eu era mais nova na minha fase de adolescência sempre gostei das musicas de grupos de *mandjuandadi* e sempre eu ia ver os eventos delas e sempre minhas amigas me suavam dizendo porque que eu gostava tanto daquelas musicas que aquilo era para as pessoas mais velhas e eu falava para elas eu gosto sim porque é a nossa cultura e temos que ter o orgulho de nos memos e da nossa cultura temos que valorizar e também é sobre dar valor a nossa identidade de saber quem somos de onde vimos e para onde vamos

2 A MANDJUANDADI EM GUINÉ-BISSAU

Conforme foi referido, a *mandjuandadi* pode ser compreendida como grupo organizado pelas mulheres, cujo objetivo é a solidariedade social entre os seus membros. Segundo Semedo (2010) essa forma de organização social existe em todos os grupos étnicos da Guiné-Bissau. Cada grupo denomina a coletividade por um termo específico da sua língua, mas sendo o *crioulo* guineense a língua franca, todos os grupos étnicos a usam.

Carreia (1947) *apud* Chirstoph Kohl (2011, p, 18), esse termo e a sua origem é desconhecido, mas em 1947 o termo foi usado na literatura científica pela primeira vez. O próprio termo foi usado para ilustrar pessoas ou grupos da mesma idade. Conforme nos fala o professor Trajano Filho (1998), parece que a palavra é um neologismo *crioulo*, uma hipótese corroborada por estudos linguísticos. No sentido mais amplo, a noção não só designa “conjunto

de idades”, mas, pode ser, a depender do contexto, sinônimo para amizade, comunidade, convívio e espírito de camaradagem.

De acordo com Semedo (2010), *mandjuandadi* é o espaço em que cada uma das mulheres, e cada um dos seus membros, se sentem livres: “lá pode cantar, ostentar as indumentárias, ou seja, o seu pano ou vestido novo, brincar, ser maliciosa e livre, dar vazão aos seus sentimentos, inclusive à sua sensualidade, tanto nos versos que canta quanto na sua performance enquanto dança” (SEMEDO, 2010, p.85). No entanto, a problemática desta pesquisa encontra no fato de que, os membros, ou seja, as mulheres que formam os grupos de *mandjuandadi* no contexto de Bissau, às vezes chamado de setor autônomo – embora tenham *o crioulo* como a língua comum, todavia, são oriundas de grupos étnicos diferentes, em grande parte manifestam religiosidades diferentes, ou seja, têm seu lado espiritual diferente, mas que está sempre vivo quanto os lados físico e emocional dentro da *mandjuandadi*. Sabemos que a religiosidade influencia os valores, modo de agir e têm alto valor na consciência pessoal do indivíduo que crê numa determinada doutrina, porém não se sabe, por exemplo, as intenções gerais e implícitas que moldam a constituição de *mandjuandadi* e sustenta-se por valores coletivos.

No passado, os grupos de *mandjuandadi* realizavam várias atividades produtivas e de ações solidárias. Entretanto, problemática também consiste em entender as mudanças que ocorrem nas *mandjuandadi* na contemporaneidade.

Após as mudanças políticas, econômicas na Guiné-Bissau esses grupos tiveram que se reinventar, ou seja, tiveram que criar formas de encarar novos desafios sociais vivida no país. Segundo Kohl (2011, p, 8) sobre o surgimento da *mandjuandadi*, existem várias versões acerca do tal, ao que tudo indica suas raízes vem das tradições africanas e europeias. Na contemporaneidade os grupos remontam dois lados distintos, um por organizações de idade africanas e do outro lado por confrarias cristãs. De referir que na *mandjuandadi* também está presente os diferentes rituais de músicas que as caracteriza.

Os grupos de *mandjuandadi* são conhecidos pelas suas festividades, cantigas e outros aspectos da manifestação das culturas do país de extrema relevância para a sociedade - através de suas letras musicais. Curiosamente, as suas letras ou cantigas da *mandjuandadi* são fortemente marcadas de perspectivas que tendem ensinar a maneira de conviver com os mais velhos e valorizar outras pessoas de diversas culturas assim como orientações de como lidar com situações da vida cotidiana, na família, nas relações com os homens e na sociedade como toda. Importa ressaltar que, são notórias a presença dos homens, mas os grupos de

mandjuandadi são formados majoritariamente de mulheres, geralmente casadas, solteiras e viúvas com faixa etária compreendida entre 30 e 40 anos idade.

Nessa abordagem, além de propor várias versões de entender a *mandjuandadi*, também abre um leque de conhecer esses rituais de músicas. Segundo Semedo (2010) três formas de cantar são mais frequentes nessas *mandjuandadi*: cantigas de dito por dito: encontram-se as de *kumbosadia* o que significa rivalidade em português, as de inimigos/as, de lamento, amor não correspondido: o tema *Djingui saia di Harmonia di Luanda* evidencia isso com algumas canções que será apresentada a seguir:

Antis di fugu bim dé, ami Djilam n'sta son dé, na tarbadja(2x)
 (Antes da vinda do fogo, eu Djilan estarei no trabalho). (2x)
 Suma forsa mas bardadi pabia di djingui saia el ku manda ndisisti na kumpu Luanda (2x)
 (a superioridade da força com relação a verdade, por causa de regaçar a saia, por isso que, desisti e comecei a construir Luanda). (2x)
 Kim ku ka kungsi biafadas i rasa badjaduris(2x)
 (quem é que não conhece Biafadas é raça dançarinos). (2x)

É sabedoria ku ntene i talentu ku ntene, nka bai nim iran dé, ku fadin muru, bó disan pa ntarbadja (2x)
 (essa minha sabedoria e talento, não fui para orixá e nem para cartomante, favor me deixa trabalhar). (2x)

Nessas cantigas, as cantadeiras valem-se por vezes do equívoco para escarnecer ou satirizar da pessoa cantada, quando por meio de antonomásia se referem a quem se deseja criticar (SEMEDO, 2010). Nas cantigas de dito por dito, ao proceder à crítica social, à censura às rivais e aos inimigos e mentirosos, as cantadeiras encontram na sátira formas jocosas de admoestar pessoas e situações consideradas absurdas no âmbito da família ou mesmo da sociedade (SEMEDO, 2010. Pag.85). Quando o dito é às *cumboças*, as cantadeiras chegam a ultrapassar o nível do escárnio, usando termos obscenos e insultuosos. Porém, jamais mencionam o nome da pessoa que é cantada, recorrendo-se sempre aos epítetos. As cantigas de lamento: as cantadeiras pranteiam os maus tratos, a morte, e algumas infelicidades ligadas à infertilidade feminina, aos ‘trabalhos’ feitos que, acredita-se, podem trazer infelicidade e até a morte. Assim, estrofes de música a seguir, trazem as lamentações apresentadas por grupo de *mandjuandadi* designado de *Maram Kabesa*:

Ivone ka tem sorti na porta di casamentu, Deus na djudau pa i pudi diskansa (2x).
 (Ivone não tem a sorte no casamento, Deus vai lhe ajudar para que tenha descanso). (2x)

Haa tchomam Ninha, kila kila kansa sufri, haa tchomam Maria ooh nha mame,
 Deus na djudau i ta odja i muri. (2x)
 (Haa chamem a Ninha, ela já sofreu bastante, haa chamem a Maria ooh minha
 mãe, Deus vai lhe ajudar, mas já tinha morrido). (2x)

E, por fim, cantigas de harmonia:

E Guine ki bó na odja sim, i simenti pa purbetal, ma renansa ki na buscadu i
 prisis um homi di paz (2x)
 (Guiné que estão vendo é semente que deverão ser aproveitado, e Poder que
 procurarão é preciso de um Homem de paz). (2x)
 Polon garandi ki kai, sol na nornorinu, kin ki na larga sombra pa sombria
 sintidu di povu (2x)
 (caiu poilão grande, Sol nos queima, quem largará sombra para sombrear o
 sentido de povo). (2x)
 Projetu di Cabral kin ki na kontinual projeto di Luís Cabral kin ki na kontinual,
 projetu di Mambas di paz kin ki na kontinual (2x)
 (Quem continuará o projeto de Cabral, projeto de Luís Cabral, projeto de
 Mambas de paz quem irá continuar). (2x)

De acordo com Smedo (2010) distinguem-se as cantigas de amor e as de amizade. Nas de amor, o importante não é quem canta, mas o amor cantado. O sujeito da enunciação é apenas um ou uma amante – aquele ou aquela que ama. As cantigas de amizade são dirigidas a um/a amigo (a), quer em busca de uma reconciliação entre quem canta e a pessoa cantada, quer para criar conciliação ou harmonia entre pessoas que se desentenderam.

A cantiga de amor a terra, aos ancestrais e as de pedido de perdão são as que carregam as boas intenções e durante as quais as cantadeiras enaltecem as maravilhas da terra natal e exaltam os ancestrais que protegem esses lugares. Nessas cantigas pedem paz umas às outras e nomeiam a pessoa cantada, ou usam artifícios ‘leves’ que são facilmente decodificados pelos presentes, apenas para embelezar a cantiga e não com o fito de criar equívoco.

Além de cantigas, cabaça e pano são elementos fundamentais das *mandjuandadi*. Como descreve Smedo (2010) na realização de encontros de *mandjuandadi*, a cabaça e o pano são igualmente dois objetos essenciais: é na cabaça que é colocada a cota, ou seja, a contribuição em dinheiro de cada membro do grupo; é a cabaça o instrumento de percussão usado para o toque da tina; nas cabaças são servidas as comidas para as *mandjuas* ou colega ou amiga. Hoje se usam mais vasilhas de alumínio e recipientes de vidro, reservando-se a cabaça para lavar legumes e cereais, recolher a cota, tocar tina. O termo *cabaça vem de kabas* em crioulo guineense significa ainda sorte, bem-aventurança. A pessoa ou a linhagem que tiver cabaça grande tem muita sorte, é afortunada. A expressão “*levantar a cabaça de sorte*”, por exemplo, simboliza esse fato, assim cabaça é usada quando há necessidade de se ir a vários videntes e

santuários tradicionais para se saber a verdade sobre uma questão que afeta a família ou um dos seus membros (SEMEDO, 2010, p, 114).

Enfim, após a criação da *mandjuandadi* e a escolha dos/as dirigentes, são definidas e implantadas as regras que não devem ser transgredidas, sob pena de a transgressora ou o transgressor serem multados. A multa pode ser atenuada, mas nunca perdoada, para que se não criem precedentes nem repetições do mesmo ato por outros membros, o que por se só revela existência de uma estrutura e das hierarquias. Alguns pesquisadores como Teixeira (2014, p, 175) reconhece que “a sociedade civil criou esses grupos de *mandjuandadi* como forma da resistência para a manutenção da solidariedade e autonomia da identidade cultural guineense”. Parte da literatura mostra uma perspectiva diferenciada:

ritual da atividade e homogêneas tanto em *mandjuandadi* criadas nos tempos antigos quanto nas modernas. Essas relações se fecundam na base das amizades entre duas ou mais mulheres “são mantidas através de um código estrito, instaurando uma relação de dádiva e contra dádiva entre mulheres, sobretudo das cerimônias familiares”. Estas amizades sempre foram estáveis entre diferentes grupos étnicos, com base nas relações afetivas (BORGES 2004, p, 31).

Existem ainda outros aspectos embutidos na dinâmica da *mandjuandadi* -, como suas estruturas internas enquanto sistemas de regras e atividades são racionalmente ordenadas entre si encontrando eficácia em congregar e manter o grupo em torno dos ideais e dos sentimentos compartilhadas em que os seus integrantes frequentemente se sentem dependentes entre si – constituindo espaço de interação social e de solidariedade para enfrentar e conseqüentemente superar os desafios do cotidiano.

Enfatiza-se que as relações das mulheres se solidificam nos momentos difíceis das suas vidas que elas compartilham entre si, como nas doenças e nos trabalhos. Segundo Gohn (2006) a *mandjuandadi* é uma prática de associativismo, mas, não se limita a isso, também é considerada como um espaço de aprendizado de educação informal, que se contrapõe a educação formal, por ocorrer de forma espontânea, no passar do dia a dia através de conversas convivência com familiares, amigos, colegas e interlocutores ocasionais.

A *mandjuandadi* não se restringe somente no conceito de associativismo, ele perpassa num conjunto de conceitos que, segundo Kohl (2011) pode ser a solidariedade, sociabilidade, mutualidade e coletividade, porém, tais aspectos não são revelados apenas nas cantigas e nas danças, mas também de outras formas de interações que apenas uma investigação mais alargada poderá captar a essência dos fatos submersos nas interações entre os membros. A solidariedade e sociabilidade entre os membros, são construídas pelo meio dos encontros promovidos através

da sustentabilidade da empatia de diferentes grupos étnicos ou culturais que prestara ajuda mútua entre membros.

3 ENTREVISTAS

Existe a necessidade, em geral de realizar a entrevista semiestruturada porque nela, ainda que a investigadora tenha já preparado uma série de perguntas acende-se sempre probabilidades de formulação de novos assuntos a partir do relato do entrevistado ao longo da entrevista, permitindo assim o acesso às informações além do que se tinha previsto ou a possibilidade de apurar situações observadas no decorrer das apresentações de grupos.

De acordo com Becker (1993) entrevista semiestruturada, tende dar aos envolvidos (as) na pesquisa alternativas não estabelecidos, permitindo ao entrevistado mais liberdade em suas respostas ou considerações. Na entrevista semiestruturada. Esta técnica de pesquisa, segundo Trivinos (1987), ao mesmo tempo em que se valoriza a presença do entrevistador (a) oferece todas as perspectivas possíveis para que o interlocutor alcance a espontaneidade necessária, enriquecendo a pesquisa.

De acordo com a entrevista realizada obtive os relatos de alguns membros de diferentes grupos de *mandjuandadi*. Cada um fala de sua própria experiência no grupo.

O primeiro entrevistado se chama Hector Diógenes Cassamá mais conhecido como Negado, tem 46 anos de idade, é casado, tem seis filhos, nasceu em Guiné-Bissau, concretamente em Bissau e atualmente vive também em Bissau que é o capital do país. Na sua casa vivem 16 pessoas. Ele é contabilista e assistente social de profissão, mas dentro do grupo de *mandjuandadi* ele desempenha a função de coordenador de um grupo cultural chamado *Netos de Bandim* e dentro deste grupo tem *mandjuandadi*. O grupo foi fundado no dia 12 de novembro do ano 2000.

De acordo com a sua fala os eventos solidários do grupo de *mandjuandadi* acontecem muitas das vezes quando tem um casamento ou um desgosto de algum membro ou familiar de qualquer membro de *mandjuandadi*. Aí eles se juntam para dar apoio aquele membro, e também de vez em quando num momento normal eles organizam alguns eventos nos bairros vizinhos para mostrar as pessoas ou familiares como são os seus trabalhos dentro do grupo de *mandjuandadi*. Baseando-se na fala do entrevistado sempre existe mudança das pessoas na *mandjuandadi* porque se uma pessoa entra de uma forma aí ela vai se juntando com outras pessoas, adaptando uma nova forma de comportamento porque o espírito da partilha, de

comunhão, de tolerância de trabalho em equipe sempre prevalece mais e aí a pessoa acaba aprendendo com os seus companheiros de grupo de *mandjuandadi* um novo tipo de comportamento que talvez não tivesse vivido antes.

Então, segundo ele, no seu grupo, atualmente, para a entrada de um novo elemento na *mandjuandadi*, basta a pessoa manifestar a vontade de estar no grupo. Eles têm uma secretária, a pessoa vai preencher o formulário da inscrição e através daquele formulário se faz o acompanhamento da pessoa nos ensaios do grupo e nas outras atividades que o grupo costuma fazer, sua contribuição, forma de como a pessoa está sendo no grupo. Mas, na antiguidade, para entrar no grupo de *mandjuandadi* a pessoa levava um pacote de bala e dava para um elemento de grupo para ela falar com as pessoas do grupo sobre o seu interesse em participar no grupo e aí se todos os elementos aceitassem e depois tomavam o seu pacote de bala e dividiam para o grupo.

Com a vivência de todos os dias dentro do grupo de *mandjuandadi* eles se sentem como uma família porque ali podem compartilhar os seus bons e maus momentos que cada um está a passar, existe uma diferença de *mandjuandadi* de antigo com a *mandjuandadi* de agora seja nos instrumentos, no ritmo e até mesmo na canção.

A segunda entrevistada se chama Adriana Pires Sá de 51 anos de idade, nasceu em Bissau e vive também lá, ela é gestora contabilista da empresa APGB e adjunta de chefe de serviço de faturação. Na sua casa moram nove pessoas. Ela entrou no grupo de *mandjuandadi* em 1988 e está ainda lá até hoje, ela é a rainha do grupo de *mandjuandadi* chamado *Nivaquina* no bairro de missira, que fica situado na capital de Guiné-Bissau.

Segundo ela, na *mandjuandadi* antiga todo o grupo se juntava e brincava, mas na *mandjuandadi* de agora não tem tanta harmonia entre os grupos. De acordo com a sua fala para entrar no grupo dela não tem muita coisa, é só você chegar e falar com o membro do grupo que no mesmo dia que você foi e aí vai se integrar no grupo, e daí vão explicar o novo elemento do grupo sobre os critérios do grupo se a pessoa estiver de acordo com tudo aí já faz parte do grupo.

Para ela, na *mandjuandadi* elas só têm um sangue que é da irmandade, sofrimento de um membro é o sofrimento de todos como também alegria de um é de todos, isso que compõe a *mandjuandadi*. Para ela a *mandjuandadi* tem grande importância na sua vida porque mesmo quando está triste ou tem algum tipo de problema, seja em casa ou no trabalho, quando chega no lugar onde elas costumam fazer os seus ensaios e vendo as companheiras do grupo aí todo o problema passa naquela hora porque lá elas vão compartilhar os seus problemas e vão se dando força uma à outra, elas brincam lá, cantam, dançam, isso tudo tira aquele estresse do dia a dia e disse também que *mandjuandadi* é um lugar de refúgio porque alivia a sua dor.

O terceiro entrevistado foi Seco Conte, de 56 anos de idade, nasceu em Bissau e vive também em Bissau. Ele é político e conselheiro do presidente de assembleia nacional popular. Na sua casa moram 13 pessoas – seus filhos, sobrinhos e sua esposa e tem uma boa relação familiar. Ele integrou no grupo de *mandjuandadi* em 2000, desempenhou diversas funções no grupo onde foi orientador e escritor das músicas do grupo de *mandjuandadi* chamado *Jovem Mania*, depois passou por outro grupo onde ficou como rei do grupo de nome grupo *três*, também desempenhou uma função de conselheiro do grupo de *mandjuandadi* de nome *Nivaquina*. Para ele, a *mandjuandadi* tem muita importância porque ajuda a pessoa a se distrair um pouco dos problemas que tem, das fadigas do dia a dia, e ele se sente muito bem por estar no grupo de *mandjuandadi*.

Segundo seu relato na *mandjuandadi* do tempo passado era organizada pelas pessoas das mesmas linhagens que tinha os mesmos sobrenomes até que deu um exemplo sobre a *mandjuandadi* que a sua mãe pertencia elas tinham os mesmos sobrenomes, mas só que agora em dia tudo mudou não são organizadas mais as *mandjuandadi* pelas pessoas que tem os mesmos sobrenomes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da escrita sobre a *mandjuandadi* abordei vários assuntos que mostram como é a *mandjuandadi*, qual é a sua importância na vida das pessoas que estão lá, e como também ela ajuda as pessoas, valorizando ainda mais a cultura guineense, e como ela era na antiguidade e como está hoje em dia. Falei também sobre o que mudou, o que não tinha antes que agora tem e o que tinha antes que nessa contemporaneidade não tem mais, porque sabemos que, com o passar do tempo, e com a evolução da humanidade muita coisa mudara e essa mudança também aconteceu no grupo de *mandjuandadi*, porque são outras pessoas tem novos tipos de instrumentos também e a forma de cantar tem uma diferença também.

Na entrevista que eu fiz com alguns elementos do grupo de *mandjuandadi* aprendi e compreendi muitas coisas que eu não tinha percebido. Sempre gostei da *mandjuandadi*, mas não sabia que ela tinha toda essa importância na vida dos seus membros, como muitas das vezes as pessoas que não fazem parte do grupo de *mandjuandadi* sempre criticavam as atividades deles, dizendo que os membros do grupo só iam beber e fazer outras coisas que não eram apropriados, mas agora, através das falas dos entrevistados, percebi que não era isso que eles

faziam lá, mas sim faziam uma coisa muito importante para vida deles e de quem os acompanhavam.

Na *mandjuandadi* você aprende a ser solidário com outra pessoa, você aprende a ter mais empatia e compaixão pelo próximo, na *mandjuandadi* eles encontram um lugar de refúgio como diz uma entrevistada. Pode-se notar também que *mandjuandadi* ajuda a pessoa a sair de uma situação ruim, também educa. Refleti que a *mandjuandadi* não é só um grupo de canta e dança, mas sim é uma grande família, porque lá você encontra a pessoa que vale mais que amiga, mas sim uma pessoa que você vai considerar família para vida inteira.

Poderíamos estudar mais as convivências entres os membros do grupo e tentar entender e compreender por qual razões que fazem com que elas ou eles se mantem ainda dentro do grupo mesmo com tanta dificuldade, seja do país ou mesmo entre elas.

REFERÊNCIAS

As Mandjuandadi - cantigas de mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

BECKER, S. Howard. **Método de Pesquisa em Ciências Sociais.** São Paulo: Ed. Hucitec, 1993.

BENZINHO, Joana. ROSA,1 Marta **A descoberta da Guiné-Bissau.** ONG- Afetos com Letras, 2015

BORGES, M. (2004). **Perspectivas histórico-educacionais do associativismo feminino na África e no Brasil – memórias solidárias: mandjuandadi na Guiné-Bissau e a Irmandade da Boa Morte na Bahia.** Revista Educação Em Questão, 22(8),34-54. Recuperado de:<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8357>

BAECHLER, Jean. Grupos e Sociabilidade, IN: Tratado de Sociologia, sob a direção de Raymond Boudon. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1995.

GOHN, G. Da Maria. **Educação não- formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas.** Disponível em:

https://l.facebook.com/l.php?u=http%3A%2F%2Fwww.scielo.br%2Fscielo.php%3Fscript%3Dsci_arttext%26pid%3DS010440362006000100003&h=AT3SJ3IMDZJKkOGzpRnKx89dk2JLFAeVVd7VfleJBpf1-3zH3P7vkNNvYxSqiGk8WkwAMwO6QAwdKfjiv0c-7zDRDvAWu5Ulv_qAVmauW71L2Sxe8ISt_WmZFqcdezloiuIQAw>. Acesso em: 20 de Dez de 2023.

Grupo Harmonia de Luanda NO ´MISITI HOMI DE PAZ Final TV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wB3Of-ri-Vg>>. Acesso em: 14 de Dez de 2023.

Harmonia di Luanda - Djingui Saia. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=cGLEG7veAgE>>. Acesso em 14 de Dez de 2023.

Maram cabeça - Ivone ka tem sorte. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=1izMrsZvbfY>>. Acesso em: 14 de Dez de 2023.

MRCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia de trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**- 7.ed.rev.ampl. São Paulo: Atlas, 2015.225p.

SEMEDO, Odete Costa. **Guiné-Bissau: história, culturas, sociedade e literatura.** Belo Horizonte, Nadyala, 2010.

TEXEIRA, Ricardino. **O conceito de sociedade civil: um debate a partir do contexto da Guiné-Bissau.** Estudos de Sociologia, v. 15, n. 2, p. 161-180, 2014. Disponível em:<<http://www.revista.ufpe.br/revsocio/index.php/revista/article/download/155/85>>. Acesso em: 20 dez. 2023.

ANEXO

Questionário de pesquisa

Qual é o seu nome?

Qual a sua idade?

Qual o município em que você nasceu?

Onde você vive atualmente?

Você exerce alguma atividade remunerada/profissão? Qual?

Quantas pessoas vivem na sua casa? Qual a relação de parentesco com os membros da sua casa?

Desde quando você passou a integrar um grupo de mandjuandadi?

Quais as suas funções no grupo?

Como são organizados os eventos solidários entre os membros do grupo?

De quando você começou a participar até hoje, você percebeu alguma mudança nas relações das pessoas nos grupos?

Quanto tempo leva para a filiação de novo membro nos grupos de *mandjuandadi*;

Quais são os critérios para aceitação de um novo membro.

Quando você pensa em suas companheiras de grupo, quais as relações e sentimentos vocês estabelecem entre si?

Para você, qual a importância de participar do grupo?